

NAS ENTRELINHAS, O PRECONCEITO: A GABRIELA DE JORGE AMADO E A IMAGEM DA MULHER BRASILEIRA NA MÍDIA PORTUGUESA.

Maria Lucia M. Carvalho Vasconcelos
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Alexandre Huady Torres Guimarães
Universidade Presbiteriana Mackenzie
Centro Universitário Sant'Anna
Escola Presbiteriana Mackenzie

Este artigo pretende introduzir a questão do preconceito relativo à mulher brasileira, freqüente no imaginário do estrangeiro.

Trabalha a imagem da mulher brasileira, veiculada pela mídia impressa, ligando-a à imagem popularizada pela literatura e por sua adaptação televisiva, especificamente pela obra *Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior* de Jorge Amado.

1. A Gabriela de Jorge Amado

No ano de 1958, na cidade de Petrópolis, Jorge Amado escreveu *Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior*. A narrativa, ambientada na Ilhéus cacauzeira de 1925, que passa por um período de modernização, gira em torno de dois núcleos: o da luta política entre o coronel do tempo das lutas de terras, Ramiro Bastos, e Mundinho Falcão, o moderno exportador de cacau; e o romance entre o sírio Nacib e a mulata Gabriela.

Publicado em agosto, bastaram duas semanas para que vinte mil livros fossem vendidos, número que se transformou em cinquenta mil aos quatro meses e cem mil ao término do primeiro ano.

Entre os dois núcleos narrativos, várias histórias se passam, mas é o romance entre o dono do Vesúvio e, num primeiro momento, sua cozinheira, que aqui merecem destaque.

Gabriela, mais tarde Bié, fora contratada no Mercado dos Escravos por Nacib, que *a priori* achou que aquela mulher “vestida de trapos miseráveis, coberta de tamanha sujeira que era impossível ver-lhe as feições e dar-lhe idade, os cabelos desgrehados, imundos de pó, os pés descalços” não servia, mas ao virar as costas e ouvir “a voz atrás dele, arrastada e quente” a qual dizia, “ – Que moço bonito”, Nacib não resistiu e contratou a mulher que seria o seu amor.

Mas o amor é um tema caro na obra, já que, à época, vigorava a preconceituosa lei do machismo na cidade.

[...] os coronéis reservavam pena de morte para traição de esposa. Rapariga não merecia tanto. Assim pensava também o coronel Coriolano Ribeiro. Quando tomavam conhecimento da infidelidade das mulheres que sustentavam - ou pagando-lhes o quarto, a comida e o luxo em pensões de prostitutas ou alugando-lhes casa nas ruas menos freqüentadas -, contentavam-se com largá-las, substituí-las no conforto que lhes proporcionavam. (AMADO, 1975, pp. 120-1)

Segundo Fábio Lucas, em *A contradição amadiana ao romance social brasileiro*:

Toda a crítica aponta o romance *Gabriela, cravo e canela* (1958) como o marco de mudança de rumo na temática de Jorge Amado. Digamos que, daí por diante, a força de atração ideativa se deslocou da justiça social para se concentrar na aspiração da liberdade. E o fermento da nova cosmovisão se transpõe do romantismo sentimental e visionário para a exploração do riso e do sonho como atributos desrepressores do ser humano.

[...]

Quando os heróis de Jorge Amado eram sérios e ideologicamente marcados, apontavam para a *justiça*, num quadro absurdo e degradado. Já os que, na derradeira fase de sua produção, se tornavam burlescos e pródigos de alegria, escolheram por meta a *liberdade*. [...] Na segunda fase da ficção de Jorge Amado, ao se evidenciar o direito da liberdade, somos conduzidos ao direito do sonho: o alvo são os procedimentos desrepressores. (1997, pp. 110-1)

E é justamente nesta liberdade, a qual Gabriela presa, que se encontram algumas críticas, assim respondidas pelo autor ao *Cadernos da Literatura Brasileira: Jorge Amado*:

CADERNOS: No caso de *Gabriela*, o que se viu foi uma recepção ambivalente por parte da crítica especializada. Houve quem recebesse o romance como algo positivo para a luta da mulher, isto por conta do grau de liberdade que o Sr. conferiu a protagonista. Mas o livro também foi encarado como um instrumento de reafirmação do estereótipo machista – a mulher movida a instintos, pronta a realizá-los a qualquer momento. Como o Sr. vê hoje este debate?

Jorge Amado: Eu acho que não eram muito justas essas posições porque, na realidade, o que deveria permanecer era a Gabriela na sua expressão mais total, não é? (1997, p. 53)

Desta forma,

Frente a esse novo quadro, a reação masculina mais comum; é a de idealizar “em proveito próprio” a “liberdade” do segundo sexo, ao valorizar, segundo a ótica machista, justamente a contingência da *exposição do corpo* no novo contexto de mobilidade da mulher. Inúmeros foram os poemas. Contos, romances, filmes ou canções pautados por essa perspectiva a respeito da multidão feminina cada vez mais presente na esfera pública. [...] em *Gabriela, cravo e canela*, a mulher existe, sim, como objeto erótico a insuflar a fantasia de quantos a conhecem, mas, junto com esse *objeto desejado*, existe nela um vigoroso *sujeito desejante* que, pela fidelidade ao eros, se afirma enquanto tal a ponto de trocar o casamento pelo prazer e a segurança do lar por um momento de gozo. E, se vista por outro ângulo, a personagem condiz mais com a nova mulher: trabalhadora operosa, não se deixa reduzir a mera força de trabalho. [...] Gabriela não é só um objeto.

Além disso, o romance não exclui o pendor autoral às sínteses históricas, pois trata de representar as diversas etapas da trajetória feminina em busca da realização pessoal e da superação do machismo. As personagens Ofenísia, Sinhazinha, Glória, Malvina e Gabriela simbolizam diferentes momentos desse processo. Se as duas primeiras secam ou fenecem por seus amados – a romântica Ofenísia morre de um amor não correspondido e Sinhazinha é assassinada por adultério – as três últimas, de um modo ou de outro, conseguem ultrapassar a submissão à lei “lei não-escrita” que reduzia a mulher a propriedade masculina. Glória se livra incólume do coronel; Malvina foge em busca da auto-afirmação; e Gabriela trai e renega o casamento sem ser por isto punida. Nas décadas seguintes, essa figura feminina impetuosa e agente do próprio desejo encarna-se em Dona Flor, em Tereza Batista, em Tieta. (DUARTE, 1997, pp. 94-7)

Outro fator de crise para a figura feminina já surge no epíteto de Gabriela: cravo e canela.

Enquanto o cravo é o seu cheiro, canela é sua cor mulata, que, segundo Deonísio da Silva:

MULATA: do latim *mula*, mula, com acréscimo do sufixo *ata*. Por ser mula ou mulo nomes dados ao tipo de animal resultante do cruzamento do jumento com a égua ou do cavalo com a jumenta, por analogia os filhos e filhas do homem branco com a mulher negra e vice-versa foram designados mulatos. A mulata é das mulheres mais admiradas aqui e no exterior, sendo personagem de muitas de nossas expressões artísticas como a literatura, a música e a dança. (1997, p.186)¹

Complexa é a utilização do termo *admiradas*. Para Lucas (1997), em sua visão crítica do Brasil, a mulata e a miscigenação surgem como mitigadores dos jogos opositivos, assim como para Gilberto Freire: “Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo [...] a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro” (1995, p. 283). Por outro lado, há ainda a idéia recorrente, tanto no Brasil quanto, e principalmente, há longa data, no exterior, de que:

[...] “branca para casar, mulata para foder, negra para trabalhar”, palavrório recorrente entre os homens daquele tempo. E até mesmo um Gregório de Matos, poeta francamente empenhado em louvar as belezas das mulatas baianas, não hesitava em degradá-las, nivelando-as por vezes à execrada negra. A sátira de Gregório sugere, segundo Hansen, que “a negra e a mulata são sujas de sangue por definição; logo, por extensão semântica, os termos *mulata* e *negra* podem significar *puta*, independentemente de outra qualificação.

O que pensava e recitava Gregório de Matos na Bahia seiscentista era o que já diziam, sem métrica ou rima, os colonos de nosso primeiro século. Confirmam-no as falas dos acusados na Visitação do Santo Ofício por “defenderem a fornicção simples”, dizendo não haver nela pecado mortal, ao contrário do que pregava a moral católica ortodoxa. Os tais “fornicadores” diziam isso em meio a conversas cotidianas e informais quando, tratando de assuntos variados, uns e outros se punham a falar de aventuras amorosas e sexuais. E, nesse caso, eram as índias, as “negras da terra”, as recorrentemente assimiladas a prostitutas e “mulheres públicas”, mulheres que, em troca de uma camisa ou qualquer coisa, podiam ser fornicadas à vontade, que isso não ofendia a Deus. “Negras d’aldeia” viviam daquilo, diziam uns, enquanto os ouvintes

¹ Esta é a interpretação mais comum do termo, uma vez que dita Silveira Bueno: “Mulato – adj. Mestiço de branco e preta e vice-versa. Do ar. *Muallad* ou como grafa Lammens: *moawllad*: celui qui est né d’un père arabe et d’une mère libre. C’est, je pense, de là et non de *mulus* que vient mulâtre (de Sacy. *chrest. ar.*) Por esta razão é que damos étimos diferentes para os dois homônimos. Foi justamente esta homofonia que levou todos os autores portugueses e brasileiros à idéia errônea de pensar que *mulato*, mestiço, seja a palavra *mulato* muacho, burro de carga. A passagem de Gil Vicente sempre invocada para documentar o verbete *mulato*: “se beato imaculado me emprestasse o seu *mulato* mas não sei se quererá” (Cler. da Beira) serve apenas para o muacho, para o mu e não para o descendente de branco e negra.” (1968, p. 2551)

se abriam em gargalhadas e comentários chulos; “negras da terra” eram mesmo para fornicar, ainda que casadas, diziam outros: “que farte”, pois: ninguém ia ao inferno por isso. Em contrapartida, os “fornicadores” mais desbocados pareciam concordar que só não havia pecado em “dormir com índias” ou “mulheres públicas” – o que para eles dava no mesmo; mas se fosse a fornicção com mulheres “brancas e honradas”, sobretudo donzelas casadas, aí sim, tudo se transformaria em grave ofensa a Deus, condenando suas pobres almas à danação eterna. (VAINFAS, 1997, p. 240-1)

Ressalte-se a grande popularidade do livro, ganhador dos prêmios Machado de Assis, do Instituto Nacional do Livro; Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro e Luiza Cláudio de Souza, do Pen Club, e que foi traduzido para o espanhol (1959), o russo e o tcheco (1960), o alemão, o inglês e o italiano (1962), o francês (1971), além de receber adaptações para Quadrinhos – *Gabriela cravo e canela*, pela Ebal, em 1961; Televisão – em forma de novela, *Gabriela*, com adaptação de Antônio Bulhões de Carvalho, direção de Maurício Sherman e no papel de Gabriela, Janete Vollu, em 1961, para a Rede Tupi; com adaptação de Walter George Durst, direção de Walter Avancini e nos papéis de Gabriela e Nacib, respectivamente, Sônia Braga e Armando Bogus, em 1975, para a Rede Globo; e Cinema – Co-produção Brasil-Itália, *Gabriela*, com direção de Bruno Barreto e nos papéis de Gabriela e Nacib, respectivamente, Sônia Braga e Marcello Mastroianni, em 1983. Percebe-se que o autor, estudado também nas University of California, Universitär Rostock, Universidad de Caldas, University of Illinois e Università Degli Studi di Padova, acabou por lançar ao mundo, dos que lêem de uma forma simplista, uma imagem da mulher brasileira que vai de acordo àquela veiculada no Jornal de Notícias do Porto.

2. A Imagem da mulher brasileira na mídia portuguesa

2.1. A notícia:

Mercado da prostituição abastece-se muito no Brasil

Mulheres brasileiras em 6º lugar nas redes mundiais, onde também há crianças

Alexandre Ribondi
Correspondente em Brasília

A diversidade étnica do Brasil, com loiras, negras, mulatas e morenas, faz do país o principal alvo latino-americano das quadrilhas de tráfico de pessoas. E atira-o para a sexta posição na lista dos países do Mundo que mais exportam mulheres para a prostituição na Europa e na América do Norte.

De acordo com o organismo de Controle de Drogas e Prevenção do Crime da ONU (UNDCP), que esta semana organizou em Brasília o 1º Seminário Internacional Sobre Tráfico de Seres Humanos, em cada ano, um milhão de mulheres são vítimas da rede internacional de prostituição. E, só do Brasil, saem 75 mil, com destino a Portugal, Espanha, Canadá, Israel, Bélgica, Alemanha, França e até mesmo Suriname, um pequeno país brutalmente empobrecido da América do Sul, que, por ser ex-colônia holandesa, tem canal directo com Amesterdão.

Forçadas a sobreviver

Os mesmos dados adiantam que o comércio de prostitutas gera sete biliões de dólares por ano, o que faz dele a terceira actividade criminosa mais rentável de todo o Mundo. Com mais poder financeiro que o tráfico de mulheres do Terceiro Mundo estão apenas o contrabando de armas e o tráfico de drogas.

As mulheres brasileiras, geralmente oriundas de famílias pobres, são convencidas a embarcar para o estrangeiro com promessas de bons salários em dólares, a moeda norte-americana que se tornou fetiche no Brasil. Uma vez desembarcada no outro país, as vítimas têm seus passaportes confiscados, são obrigadas a pagar as despesas da viagem e da hospedagem e acabam por ser encaminhadas para a prostituição, para garantir o seu sustento e dos seus "donos".

Em 1998, só a Espanha recebeu quase 500 brasileiras que praticavam prostituição. Mas, nesse mesmo ano, a polícia espanhola localizou duas mil prostitutas brasileiras no país. Ainda em 1998, aumentaram assustadoramente os portadores de passaportes brasileiros impedidos de entrar em países europeus e nos EUA.

Escrita por um correspondente de Brasília, Alexandre Ribonde, a notícia ocupa espaço relevante (meia página, com foto) de um dos jornais mais lidos na região do Porto, segunda cidade em importância econômica e cultural de Portugal.

2.2. A manchete: Mercado da prostituição abastece-se muito no Brasil.

Esta manchete em si já se constitui em um texto estigmatizante, ao identificar o Brasil com o mercado da prostituição, sem fazer qualquer menção a outros países que também *fornecem* mulheres para tal mercado consumidor e sem identificar aqueles que se *abastecem* desse mesmo mercado, ficando clara a série de preconceitos que se sobrepõem em relação ao Brasil – eterna colônia que alimenta, na representação social do português, uma série de sentimentos dúbios, como: a) afetividade, pelos laços relacionais que alguns ainda mantêm com portugueses residentes no Brasil e com os seus descendentes; b) superioridade do colonizador, traço que muitos ressaltam nostalgicamente ao relembrar o passado de glória que Portugal sente que jamais reviverá; c) uma espécie de responsabilidade, por se saberem maus colonizadores, porque só extrativistas, com relação à colonização brasileira; d) arrependimento, por terem deixado que a sua principal colônia se tornasse independente tão cedo e por saberem hoje que, ao negligenciarem a manutenção dos laços não só afetivos como também econômicos, perderam espaço neste mundo globalizado; e) curiosidade, por tudo o quanto aqui acontece, embora sempre numa sensação curiosamente ambígua, sem saber se alegram-se mais com as vitórias ou com as derrotas desse “filho” que ousou se desgarrar e, pior, alterar-se a ponto de se ter tornado “outro”.

2.3. O subtítulo: *Mulheres brasileiras em 6º lugar nas redes mundiais, onde também há crianças*

Se o Brasil é o 6º colocado nessa classificação, por que não centrar a notícia no país colocado em primeiro lugar do *ranking* do mercado de mulheres? Aliás, tal país não é nem mesmo citado ao longo da notícia e o leitor fica desconhecendo os países que aparecem *melhor* colocados na tal classificação. Observa-se que aqui, novamente, aparece a questão do estigma

que, segundo Goffman (1982), produz um efeito de descrédito muito grande, uma idéia de fraqueza, de desvantagem. As *mulheres brasileiras* carregam este estigma calcado no estereótipo da mulher sensual, ferosa, bela, exótica, liberada e, principalmente, numa idéia muito presente de *disponibilidade e competência* para o sexo livre e sem compromisso. Este subtítulo vem apenas reforçar um estigma já mundialmente incorporado.

2.4. O texto:

O repórter inicia o texto referindo-se à *diversidade étnica* do Brasil como fator para a entrada da mulher brasileira no tráfico de prostitutas. Ora, a diversidade étnica do povo brasileiro enquadra-se no que Goffman (1998) chama de identidade social virtual, isto é, um traço que, para alguns, é considerado altamente positivo, o de um país que possibilita a miscigenação entre os diferentes, mas que, para outros (e para o articulista, segundo nos parece), é traço de enfraquecimento, uma vez que faz da brasileira "o principal alvo latino-americano das quadrilhas de tráfico de pessoas".

Na seqüência, o texto vai se referir ao 6º lugar ocupado pelo país na lista oferecida pelo organismo de *Controle de Drogas e Prevenção do Crime* da ONU, que afirma também que a cada ano *um milhão de mulheres são vítimas da rede internacional de prostituição*. Segue o texto com a seguinte frase: *E só² do Brasil saem 75 mil*. Ora, 7,5% do total de mulheres que alimentam essa rede são brasileiras e, aqui sim, caberia a expressão *só*. De onde vêm as outras 92,5%? Novamente o preconceito contra a mulher brasileira que, carregada de estereótipos, vende jornais com notícias sensacionalistas como esta.

² Grifo nosso.

Em outro trecho da notícia, deparamo-nos com a seguinte afirmação: ... e até mesmo³ *Suriname, um pequeno país brutalmente empobrecido da América do Sul, que por ser ex-colônia holandesa, tem canal directo com Amesterdão*. Novamente observa-se a presença do preconceito, desta feita com relação a Holanda, como se fosse o único país com fortes relacionamentos com tráfico mundial de droga e o único que tratasse tal questão com liberdade.

Neste trecho, parece-nos interessante que os portugueses, também colonizadores como os holandeses e igualmente empobrecedores de suas colônias (vide África para não ficarmos presos somente ao caso brasileiro), façam aqui essa crítica velada, acusando os holandeses daquilo que também eles podem ser acusados. Este trecho pode ser interpretado como uma demonstração de pouco auto-conhecimento e escassa auto-crítica.

Chamamos a atenção, agora, para a seguinte afirmativa do articulista: ... *são convencidas a embarcar para o estrangeiro com promessas de bons salários em dólares, a moeda norte-americana que se tornou fetiche*⁴ *no Brasil*. O tom percebido neste comentário denota, novamente, o preconceito existente com relação ao Brasil, a eterna colônia que se *encanta* com os dólares norte-americanos. Ora, não se pode deixar de considerar que o dólar americano tornou-se moeda referência para o mundo inteiro. Dólar é sinônimo de dinheiro forte e moeda cambiável em qualquer lugar do mundo (preconceito positivo). Toda a oferta de trabalho no exterior é feita tendo o dólar, moeda estável, como referência. Por que, então, "ironizar" a relação do brasileiro com o dólar?

E, para finalizar esta análise, não poderíamos deixar de lado a questão central de todo artigo: *o comércio de prostitutas como a terceira actividade mais rentável de todo o mundo* (legenda sob a foto).

³ Grifo nosso.

⁴ Grifo nosso.

Segundo Velho (1989), o senso comum indica todo o comportamento desviante como patologia, baseando-se, exclusivamente, em preconceitos, revelados por atitudes de intolerância.

Se considerarmos que o senso comum expressa a representação feita, por um determinado grupo social, acerca de indivíduos e comportamentos tidos como adequados ou, no mínimo, aceitáveis por esse mesmo grupo, veremos o quanto o preconceito é, de fato, uma forte amarra social, uma atitude conservadora, voltada para a manutenção do *status quo*, que busca afastar o desvio e a divergência, vistos como ameaça à estabilidade social.

Para Amaral (1995), a condição é estabelecida por um tipo ideal e

refere-se ao cotejamento entre um indivíduo de um determinado grupo e o "tipo ideal" por esse mesmo grupo constituído. A aproximação ou afastamento (ou se quisermos a semelhança ou a distinção) entre o analisado e o protótipo configurarão, respectivamente, o pertencimento ou o desvio. (p.27)

A prostituta, portanto, enquadra-se no conceito "desviante" e não no de "criminosa" como referida na notícia por nós analisada. O ato de prostituir-se pode ser, do ponto de vista legal, enquadrado como contravenção (uma vez que se constitui em atividade profissional que pode ser considerada como pertencente à economia informal, por não recolher impostos, por exemplo) mas não como crime.

O comércio de pessoas, este sim um crime, abrange não só a prostituição adulta ou infantil, como também o comércio de crianças para adoção ilegal, o comércio de pessoas para extração de órgãos ou para o trabalho escravo exercido na clandestinidade.

A mulher prostituta, como desviante, suporta toda a carga estigmatizada, da pessoa (segundo a classificação de Goffman - 1982) desacreditável por culpa de caráter individual, percebida como pessoa de vontade fraca, viciada em sexo, *mulher de vida fácil* etc.

A prostituta brasileira, que vive e trabalha no exterior, é discriminada de forma múltipla: por ser mulher, por ser prostituta, por ser brasileira, por ser estrangeira, dependendo do caso, por ser mulata, e assim por diante.

A notícia objeto desta análise é um claro exemplo disto ao *privilegiar* a prostituta brasileira em detrimento de outras tantas, cujas nacionalidades sequer foram mencionadas.

3. Conclusão

Para Goffman (1982, pp. 11-2), a sociedade, ao estabelecer meios para caracterizar seus membros, estabelece quais as categorias de pessoas com probabilidade de nela se adaptarem, sendo por ela aceitas. Assim, cada indivíduo constrói sua identidade social com base nessas categorias socialmente aceitas.

O autor distingue, na identidade social, duas categorias. A primeira é aquela que, socialmente, construímos para o outro e que ele denomina identidade social virtual. Entretanto, o outro possui uma identidade, a segunda categoria denominada pelo autor, que é sua identidade real, composta pelos *atributos que ele, na realidade, prova possuir*. A discrepância entre as duas categorias de identidade social, a virtual e a real, pode ser positiva, para melhor. No entanto, a tendência é de sempre se ater às exigências já conhecidas e socialmente aceitas, considerando-se as discrepâncias como negativas e, assim, sujeitas à intolerância social.

A notícia do "Jornal de Notícias" reforça a identidade social virtual da mulher brasileira, construída a partir do ponto de vista do estrangeiro (no caso do jornal, o português), ignorando

por completo sua identidade social real pois nem toda a brasileira corresponde ao estereótipo de bonita e liberada para relacionamentos sexuais passageiros, como a imagem de Gabriela ajudou a reforçar.

A prostituta noticiada, expressa pela perversa e preconceituosa forma de manutenção de estereótipos, que acabam por perpetuar as diferenças, é, na verdade, vítima do comércio ilegal de mulheres, que passam para a condição de vilãs, de invasoras, de partícipes de uma rede de sexo e drogas.

Da mesma forma, ocorre com Gabriela: fruto de uma realidade social perversa, porque desigual em seu tratamento para com os diferentes grupos sociais, vítima de preconceitos que, instintivamente, se coloca além destes, buscando ganhar seu espaço de subsistência e liberdade.

Referências bibliográficas:

AMADO, J. *Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior*. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

AMARAL, L. A. *Conhecendo a deficiência (em companhia de Hércules)*. São Paulo: Rose Editorial, 1995.

BUENO, F. da S. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. Saraiva: São Paulo, 1968.

DUARTE, E. de A. Classe, gênero, etnia: povo e público na ficção de Jorge Amado. In: *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997.

FREIRE, G. *Casa-grande & Senzala: formação da família sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

- GOFFMAN, E. *Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- LUCAS, F. A contradição amadiana ao romance social brasileiro. In: *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997.
- VAINFAS, R. Deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista. In: *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. Org. Laura de Mello e Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (História da vida privada no Brasil; 1)
- SILVA, D. *De onde vêm as palavras: frases e curiosidades da Língua Portuguesa*. São Paulo: Mandarim, 1997.
- VELHO, G (Org.) *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.